



Universidade Federal de Juiz de Fora  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

**Luciana Santos Ferreira da Silva**

**O CAMPO ARTÍSTICO ARQUITETÔNICO BRASILEIRO LIGADO À  
RELIGIOSIDADE:**

Caso do apagamento das pinturas parietais da Igreja Nossa Senhora Aparecida,  
Muriaé - MG

Juiz de Fora  
Julho | 2023



Universidade Federal de Juiz de Fora  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

**Luciana Santos Ferreira da Silva**

**O CAMPO ARTÍSTICO ARQUITETÔNICO BRASILEIRO LIGADO À  
RELIGIOSIDADE:**

Caso do apagamento das pinturas parietais da Igreja Nossa Senhora Aparecida,  
Muriaé - MG

Monografia apresentada à Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo da Universidade  
Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial  
para conclusão da disciplina Trabalho de  
Conclusão de Curso I.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Cristina  
Henriques Leite Olender

Juiz de Fora  
Julho | 2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

da Silva, Luciana Santos Ferreira.

O CAMPO ARTÍSTICO ARQUITETÔNICO BRASILEIRO  
LIGADO À RELIGIOSIDADE: : Caso do apagamento das pinturas  
parietais da Igreja Nossa Senhora Aparecida, Muriaé - MG / Luciana  
Santos Ferreira da Silva. -- 2023.

80 p.

Orientadora: Mônica Cristina Henriques Leite Olender  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade  
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,  
2023.

1. Espaço arquitetônico. 2. Igreja Católica. 3. Construção. 4.  
Patrimônio. 5. Cotidiano. I. Henriques Leite Olender, Mônica Cristina ,  
orient. II. Título.

Dedico aos meus ancestrais que neste país foram jogados para serem explorados como mercadorias baratas, mas que foram e são a fundação deste país, detentores dos saberes. Merecem ser reconhecidos por tudo que criaram e construíram, com suas inteligências, mãos, suor e sangue.

## **Agradecimentos**

Agradeço a meus guias, aos santos e anjos. A luz e instrução de vocês foi muitas vezes o que permanecia em dias que eram só eu e minha fé.

Aos meus pais Maria Lucimar e Moacir. Ao meu único e tão amado irmão Maxsuewson, me ensinaram a ser forte sem perder a generosidade e bondade, vocês não me deixaram esquecer nem por um minuto quem sou.

Tenho muitos amigos queridos, mas nesses meses de trabalho agradeço aos que me ofereceram auxílio, afeto e paciência na minha ausência e fraqueza. Cleyton Rosa, Bruna Márcia, Gabriela Arsênio, Hugo Cruz, Luiza Peron, Tânia Malaquias, Thayssa Neto e Vitor Bessoni. Saibam que o mundo é melhor com vocês.

A FAU, os amigos e momentos que me concebeu. Ao coletivo ca.fo.fo.

Aos membros da paróquia com auxílio em ceder documentos, fotos e suas histórias.

A Mônica, orientadora exigente, cautelosa e competente deste trabalho. Você sabe da sua importância em minha vida.

Receber amor fortalece nosso ser, amar alguém intensamente nos dá coragem. Eduardo Ximenes, sou mais feliz na sua companhia.

Ainda há muito a percorrer mas até aqui me sinto orgulhosa e consciente que nunca foi sorte.

“De tudo, ao meu amor serei atento.”

Vinicius de Moraes

## Resumo

Por meio de uma abordagem baseada em pesquisas bibliográficas e análise de caso, se dá a investigação de como elementos se conectam e influenciam a cultura e a sociedade. O estudo abrange pontos como a compreensão da Igreja Católica a partir da filosofia escolástica e como foi direcionada para conciliar a razão, fé e o catecismo dos fiéis, a arquitetura como expressão da estética e simbolismo religioso, também a relação entre os espaços sagrados e cotidianos nas cidades brasileiras, envolvendo o patrimônio histórico artístico nacional. Juntamente com a análise do caso de apagamento das pinturas que ilustravam a Via Sacra referente a Igreja Nossa Senhora Aparecida localizada no município de Muriaé.

**Palavras-chave:** (1) Espaço arquitetônico. (2) Igreja Católica. (3) Construção. (4) Patrimônio. (5) Cotidiano.

## **Abstract**

Through an approach based on bibliographical research and case analysis, the investigation of how elements connect and influence culture and society is carried out. The study covers points such as the understanding of the Catholic Church from the scholastic philosophy and how it was directed to reconcile reason, faith and the catechism of the faithful, architecture as aesthetics and religious symbolism, also the relationship between sacred and everyday spaces in Brazilian cities, involving the national historical and artistic heritage. Together with the analysis of the case of erasure of the paintings that illustrated the Via Sacra referring to the Nossa Senhora Aparecida church located in the city of Muriaé.

**Keywords:** (1) Architectural space. (2) Catholic Church. (3) Construction. (4) Equity. (5) Daily life.



## Sumário

<b>Apresentação.....</b>	<b>26</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>28</b>
<b>Objetivos.....</b>	<b>29</b>
<b>Metodologia.....</b>	<b>29</b>
<b>1. A relação do homem e da arquitetura.....</b>	<b>30</b>
1.1 O papel da arquitetura na escolástica.....	33
1.2 A linguagem visual e simbólica.....	38
<b>2. Memórias de Muriaé.....</b>	<b>41</b>
2.2 Divisões de territórios e divisões sociais.....	48
2.3 A construção da edificação.....	57
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>76</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>77</b>

## Apresentação

Acostumada a escutar as lamentações dos amigos ao longo dos cinco anos de trajetória acadêmica no curso de Arquitetura e Urbanismo, sinto que, em nenhum momento, me questionei se esse era realmente o caminho que queria seguir profissionalmente. Respondendo sempre com felicidade e firmeza, por vezes alimentei até o receio de ter tanta certeza no meio de inúmeras incertezas dos outros. Porém, ao fazer um retrospecto, consigo me lembrar que na infância e pré-adolescência não entendia porque não conseguia me interessar intensamente por aulas de inglês, mas escutar sobre Brasil nas aulas de histórias me fazia querer muito mais. Porquê pensar em viajar ao exterior não me fazia vibrar como escutar histórias dos meus antigos no interior de Minas Gerais.

Dez anos como aluna respirando os ares da Fundação de Cultura e Arte - FUNDARTE <sup>1</sup>me ensinaram a ser um ser humano com formas de expressões amplas e, principalmente, a entender minha brasilidade, conseqüentemente minha ancestralidade como mulher preta. Hoje reflito e entendo que fui estimulada e incentivada até o último fio de cabelo e que toda bagagem do percurso me trouxe até aqui.

No começo da graduação não fazia ideia como seria, mas sabia que queria viver cada dia, cada mês e ano aprendendo. Hoje, chegando no final ao desenvolver esse Trabalho de Conclusão de Curso, me sobra vontade de saber de tudo um pouco, mas também cansaço de uma formação que nos cobra tudo saber. Um sentimento de dever cumprido com a angústia de estar sendo jogada no mundo. Uma síndrome de sorrir ao chorar pelo cansaço quando esse cansaço é por estar fazendo o que digo mais amar, ser arquiteta e urbanista e sonhar em ser reconhecida como especialista na área da Conservação e do Restauro de Bens Culturais Imóveis. Sentir o olho brilhar com o sonho sendo realizado e também o medo de não conseguir passar para a próxima etapa.

---

<sup>1</sup> Entidade de direito público que desenvolve a política de Cultura, Turismo e Juventude do município de Muriaé - MG, a qual conta sob sua supervisão a biblioteca municipal, as escola de teatro, música, dança, artes visuais, audiovisual, memoriais e teatros

Buscar descrever o elo entre arquitetura, referências culturais, fé, cultura, espiritualidade, cotidiano e fidelidade é descrever um fragmento da minha essência. A escolha dos entrelaçamentos deste Trabalho de Conclusão de Curso me deixam orgulhosa e entusiasmada por perceber que o que me colocou até aqui vai além de suor e força, tem paixão e tem alma, refletindo o que fui, o que aprendi e o que espero ainda ser. Se aqui eu chegasse e não sentisse toda vibração que sinto, me questionaria mil vezes o merecido de estar aqui.

Um estudo com interesse em compreender e descrever, após anos vivenciando, como a influência do espaço sagrado emana diversas sensações nos sentidos do homem moderno, adotado como espaço de afeto e transformado durante o passar dos anos por aqueles que ali experienciam. Envolvendo simultaneamente memórias, valores e mudanças na história, compreendo que todo povo é a mistura de vários outros povos e a cultura como consequência dessas inúmeras identidades em busca de uma identificação em comum para além da sobrevivência, até chegar na pura expressão de ser e sentir.

Até aqui redigido é resultado do que sinto, sou e penso. É tudo que sempre quis responder quando me perguntavam: Por que Arquitetura? Por que patrimônio cultural? Tudo que sinto, sou e me tornei ao longo desses anos. Do ensino médio ao final da faculdade, a única certeza que permaneceu foi a vontade de ser grande, não por mim, não por ego, mas por todos que um dia tentaram e não conseguiram e até mesmo por aqueles que nunca chegaram a entender que poderiam tentar.

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo explorar temas que abrangem a relação do homem e da arquitetura, o princípio da filosofia escolástica em simultaneidade com a arquitetura gótica, o desenvolvimento das representações artísticas e do espaço arquitetônico a partir da Idade Média, além do desenvolvimento da arquitetura e a relação entre os espaços sagrados e cotidianos nas cidades brasileiras. Buscando compreender como esses diferentes aspectos se entrelaçam e influenciam a cultura e a sociedade.

Ao examinar a fé católica, aprofundarei na compreensão de alguns fundamentos da religião e de sua importância para a formação da identidade e dos valores culturais. Trazendo a filosofia escolástica, que buscaram conciliar a razão e a fé, destacando como esses conceitos influenciaram o pensamento medieval e como refletiu no desenvolvimento da arquitetura e das demais artes.

É importante, para o entendimento do estudo, compreender que adotei a palavra igreja, com i minúsculo, para referir ao edifício construído, definido para o uso do culto religioso, enquanto Igreja, com I maiúsculo, apresenta a instituição Igreja Católica Apostólica Romana. Compreender também que a palavra construção<sup>2</sup> é posta com mais de um significado, importa no entendimento da abordagem do trabalho.

Com o presente trabalho tangenciando a Arquitetura e Urbanismo e demais áreas do conhecimento, tais como: a filosofia, a sociologia e a religião - mais especificamente, a católica -, sinto a necessidade de dar início pela própria arquitetura (pertencente à área das Ciências Sociais Aplicadas), compreendida como o ponto de onde devem partir as demais abordagens neste trabalho, em movimentos de afetações recíprocas.

O primeiro momento escolhido passará por algumas relações que cruzam a existência do homem com a arquitetura e os sistemas de símbolos e valores que caracterizam o espaço arquitetônico. Tratarei do movimento, ordem e estilos

---

<sup>2</sup> *cons.tru.ção; conjunto de técnicas para construir (casas, edifícios etc.) / conjunto de atividades necessárias para se construir algo.*

arquitetônicos com o objetivo de pontuar e estabelecer uma compreensão dos valores atribuídos a cada momento do espaço arquitetônico.

Posteriormente, pontuo então a construção do papel fundamental da arquitetura na expressão da fé e na educação do fiel. Há também importância das artes sacras, obras que acompanharam e acompanham até hoje as grandiosidades das catedrais monumentais do catolicismo, tanto nos séculos XII e XIII na *arquitetura gótica*, entre XIV e XVI no *renascimento*, no estilo barroco, no maneirismo nos séculos XVI até XVIII e no modernismo na transição do século XIX para o XX.

E por fim trato da análise das memórias da cidade de Muriaé, MG, abordando na história os fragmentos comuns na construção das cidades brasileiras. Chego, por fim, no caso específico a ser tratado da Igreja Nossa Senhora Aparecida.

É importante pontuar em primeiro momento que este trabalho é apenas uma parte, os temas propostos necessitam de uma discussão mais profunda e robusta. Por este motivo, em alguns momentos do estudo podem haver questões e indagações sem respostas posteriores ou retorno a elas.

## **Objetivos**

Como objetivo geral deste trabalho está a busca pelo entendimento das linhas e caminhos que se cruzaram na construção do campo artístico arquitetônico brasileiro ligado diretamente à religiosidade católica, com a intenção de investigar posteriormente o ponto de encontro com patrimônio histórico artístico nacional. Tensionando os resquícios da catequização no país e suas marcas. Esta investigação culminará com a fundamentação e continuidade dos temas a serem trabalhados no Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II).

## **Metodologia**

Para a construção do trabalho, o primeiro momento é reservado para pesquisa bibliográfica em livros, monografias, dissertações e teses (físicos, websites, artigos e reportagens) permitindo o entendimento das possíveis relações dos temas propostos

para desenvolvimento dos mesmos. A revisão dos temas; a relação do homem e da arquitetura, o princípio da filosofia escolástica em simultaneidade com a arquitetura gótica, o desenvolvimento das representações artísticas e do espaço arquitetônico a partir da Idade Média, levaram a análises e sintetizações na direção da identificação de conexões para a partir de então estabelecer a estrutura coerente aos objetivos. O segundo momento foi de exposição de memórias da cidade de Muriaé, MG e em seguida do caso de apagamento das pinturas que ilustravam a Via Sacra referente a Igreja Nossa Senhora Aparecida localizada no município. A metodologia do presente trabalho conta com a utilização de citações e referências adequadas para respaldar as informações e conceitos apresentados, além de questões pontuadas para possíveis áreas futuras de pesquisa.

## 1. A relação do homem e da arquitetura

Na natureza, além dos seres humanos, coexistem diversos animais que também são capazes de construir. Essas construções podem variar em tamanho, complexidade e propósito. Empiricamente formigas, aranhas, pássaros e outros animais executam durante todas as suas vidas, curtas ou longas, a construção de seus abrigos e ninhos com a finalidade, em sua maioria, de sobrevivência e proliferação da espécie ao se protegerem de intempéries e predadores enquanto cuidam de si e de suas crias. A escolha do lugar para a elaboração deste abrigo é também fundamental para se manterem seguros, considerando o instinto do animal, por exemplo, escolher o alto da árvore entre folhas escondidas ou a montanha deserta com muita incidência solar. Pela razão ou pelo instinto nós humanos, também como seres da natureza, em um primeiro momento da existência, compreendemos e sentimos a necessidade de fixação em espaços e, ainda como homem primitivo, configurar aquele lugar para as suas necessidades e atribuir **o valor exclusivo**, a partir de seu uso e construção, o significado de **ninho e abrigo**.

Nomeio valor exclusivo e o atribuo a um determinado espaço quando este é selecionado e configurado especificamente para desempenhar uma função de proteção e abrigo para uma determinada espécie e tudo o que a envolve, como a reprodução. É talvez então nesse momento que o espaço se torna lugar designado e delimitado para essa finalidade específica, adquirindo significado e importância. No entanto, é importante perceber que, a partir desse momento, espaços que sejam posteriormente demarcados podem carregar os mesmos símbolos e valores. Essa demarcação confere ao espaço uma nova identidade e o impregna de significados associados à sua função.

A compreensão ou busca que quero estabelecer aqui é a dos valores que a arquitetura, ou o espaço arquitetônico, foi ganhando, absorvendo, sendo escolhido a ter no passar do tempo. A leitura se faz, então, do espaço arquitetônico e do seu valor depender diretamente da relação que ele terá com sua sociedade, digo sua sociedade, pois vivemos na amplitude em que cada sociedade expressa uma cultura diferente.

De tantas afirmações sobre o espaço arquitetônico, o entendimento de que ele é passível de se tornar um meio ambiente capaz de afetar e, imediatamente, influenciar as pessoas que nele vivem (TUAN, 1983) chama atenção e contribui para dizer que o espaço construído pode aperfeiçoar as sensações e percepções humanas, definindo também as funções sociais e as relações.

O meio ambiente construído como linguagem tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. Pode aguçar e ampliar a consciência. Sem arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes.. A forma construída tem o poder de aumentar a consciência do sentido de interior e exterior, intimidade e exposição, vida privada e espaço público. (TUAN, 1983, p. 119)

Há alguns povos que entendem o ato de construir como ritos cerimoniais atribuindo a construção a um ato religioso, assim como é estudado que alguns animais constroem instintivamente com ou sem valor exclusivo para seu abrigo, pois cada espécie define e usa a ação de desenvolver e construir. O ato de construir demanda conhecimentos sobre técnicas e materiais, não somente, mas principalmente, porém esse conhecimento chega de maneiras diferentes em cada cultura sendo expressado e desenvolvido de maneiras a cada qual seu modelo cultural. **Tuan (1983)** pontua que o ato poderia ser definido como o estabelecimento de um mundo controlado em meio a desordem com corpo e alma.

Seguindo então cada ser seus conhecimentos para elaborar sua arquitetura e definir seus valores, o conceito vai juntamente com o desenvolvimento da arquitetura transcendendo sua função utilitária criando formas de expressão, tornando a arquitetura valiosa e relevante não somente aos cinco sentidos a como também a pesquisa e estudos.

Dos valores significativos que a arquitetura pode carregar, destaque para serem tratados nos direcionamentos deste trabalho a capacidade de transmitir e comunicar mensagens, ideias e princípios, evocar emoções e ajudar na construção de conexões. Isso na perspectiva de compreender um momento específico da história da arquitetura, em que esses valores podem ter sido construídos e quais significados ditam esses valores no cotidiano nos dias de hoje.



## 1.1. O papel da arquitetura na escolástica

Quando se trata de arquitetura e seus estilos<sup>3</sup> desenvolvidos ao longo dos séculos no período da Baixa Idade Média, entre os séculos XII e XIII, temos o destaque para a Arquitetura Gótica. O estilo arquitetônico foi empregado como uma revolução na forma de se construir, sobretudo igrejas, tornando-se símbolo de uma revolução religiosa, de uma mudança de mentalidade e de uma mensagem filosófica enviada, através das pedras das construções, pela arquitetura (FREITAS, 2013).

Neste momento não tratarei do desenvolvimento detalhado da arquitetura gótica e todos seus símbolos, mas sim da sua relação com o surgimento da filosofia escolástica, a fim de compreender seu uso como instrumento para a educação de leigos europeus em momento de transição de mentalidades.

Segundo Freitas (2013), a arte gótica foi defendida como original arte francesa, inundando toda a Europa cristã, começando pela França do norte. Não por acaso é posto que a escolástica surgiu no mesmo local, combinando elementos da filosofia greco-romana clássica e da teologia cristã, procurando conciliar a razão e a fé, estabelecendo uma abordagem sistemática para o conhecimento e explorando questões fundamentais sobre a natureza da realidade, o papel da razão e a relação entre Deus e o mundo.

A escolástica teve suas raízes nas escolas monásticas e catedrais da Europa medieval, onde a educação era predominantemente teológica. A redescoberta das obras de filósofos gregos como Aristóteles e Platão, por meio das traduções árabes, desempenhou um papel crucial no seu desenvolvimento, proporcionando uma base filosófica para a investigação intelectual, buscando em seus mestres uma abordagem lógica e argumentativa diferente de todo o pensamento colocado até aquele momento da história. Na relação entre fé e razão, os escolásticos buscaram conciliar os princípios racionais com as verdades reveladas pela fé, defendendo que ambas eram complementares e não contraditórias<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> São tipos de classificações utilizadas para identificar os locais e períodos de tempo ao qual pertencem as obras arquitetônicas. Levam-se em consideração várias características formais, inclusive as influências de trabalhos de outros criadores sobre cada obra.

<sup>4</sup> Ideias postas por São Tomás de Aquino, professor católico medieval um dos maior representante do período,

A escolástica enfatizou a busca pela ordem e pela harmonia em todas as áreas do conhecimento, incluindo principalmente a arquitetura. A arquitetura medieval, especialmente as catedrais<sup>5</sup>, era vista como um meio de conectar o homem ao divino, proporcionando um ambiente propício para a contemplação e a experiência espiritual.

O primeiro exemplo desta semelhança é a relação entre a fé e a razão de um lado e a espacialidade interna e externa do outro (BRANDÃO, 1986). Os espaços sagrados a partir daquele momento passaram a ser projetados com base na simetria, proporção e ritmo, refletindo a crença na existência de uma ordem divina que se manifestava tanto na natureza quanto nas criações humanas. As catedrais perderam seu aspecto de fortalezas e passaram a representar o transcendente, o contato com o divino. (FREITAS, 2013).

A arquitetura gótica, expressou esses princípios através de estruturas altas e esbeltas, arcos ogivais, vitrais coloridos e detalhes ornamentais. Freitas (2013) destaca a relevância dos vitrais, importante elemento utilizado por sua beleza em contato com a luz refletindo em alguns espaços até hoje a sensação do sagrado.

*Um caso emblemático acerca da união de funcionalidade e beleza desenvolvida pelos construtores góticos foi a utilização dos vitrais, que, ao mesmo tempo, passavam a sensação de transcendentalidade e representavam os ensinamentos da Igreja. Segundo um religioso medieval citado por Gozzoli sem ser identificado, os vitrais ensinavam às pessoas simples que não conhecem as Escrituras aquilo em que devem crer (op. cit., p. 22). É uma perfeita junção de beleza e instrução, afinal trata-se aqui de uma sociedade que tem a maior parte de sua população analfabeta e suscetível a este tipo de estímulo.*

---

<sup>5</sup> Catedral ou Sé é o templo cristão em que se encontra a sede de um bispo e uma diocese, com seu cabido. Deriva do latim cathedra, de maneira que o nome catedral faz referência ao trono do bispo



Figura 01: Vitrais na igreja Sainte Chapelle, Paris - França no estilo arquitetônico gótico.



Fonte: <https://arteref.com/arte-do-dia/pintura-escultura-e-manuscritos-iluminados-do-estilo-gotico/>

É feita uma ressalva segundo Brandão (1986): Os arquitetos pouco provavelmente teriam lido São Tomás de Aquino, mas estavam expostos à doutrina escolástica. Freitas (2013) também comenta: os mestres da arquitetura dos séculos XII e XIII provavelmente não manusearam os livros que continham toda a essência do pensamento escolástico. A afirmação dos autores chama atenção para compreender que muitos teólogos e filósofos escolásticos desempenharam um papel ativo no projeto e na construção das catedrais medievais. Eles contribuíram com seus

conhecimentos em matemática, geometria e simbolismo religioso para criar estruturas arquitetônicas que expressassem a grandeza de Deus e permitissem uma experiência espiritual profunda.

Significados e características passaram a ser atrelados com mais intenção como o planejamento da relação entre largura e altura da nave, sempre com a expectativa de proporcionar uma maior sensação de impulso para o alto, para o céu graças à descoberta do desenvolvimento do arco ogival permitindo maior altura das abóbadas. A arquitetura refletia então a hierarquia e a ordem social da época, com áreas designadas para diferentes funções e status dentro da igreja. A nave central, o coro, o presbitério e o altar representavam diferentes níveis de acesso à divindade, enquanto as capelas laterais e os claustros eram espaços mais reservados para a contemplação e a devoção individual.

Atuando não somente em construções pontuais, mas também sendo fenômeno eminentemente urbano situado em uma conjuntura religiosa e social hegemonicamente católica (FREITAS, 2013), Freitas (2013), citando Silveira (s.d), explica que neste momento da Idade Média a ambientação social era fundamentada para a proliferação das manifestações coletivas da espiritualidade cristã, para a criação de modelos da religiosidade urbana e desenvolvimento de ordens religiosas populares.

Esta arte, muito diferente da romana, responde, ao mesmo tempo, a um grande crescimento demográfico, que reclama igrejas maiores, e a uma profunda mudança de gosto (LE GOFF, 1992). O estilo gótico surge quando o estilo românico mal havia se estabelecido, fazendo as igrejas deste último parecerem desprovidas de graça, com densidade exagerada e já obsoletas (FREITAS, 2013). Os autores citam e rememoram a arquitetura romana comparando-a ao gigantismo do gótico e enfatizando a mudança da estética e pensamentos críticos da época.

Brandão (1986), apresentando<sup>6</sup> a relação do homem moderno e da arquitetura, nos coloca para refletir sob dois aspectos: a cidade visível, construções e

---

<sup>6</sup> Ver: BRANDÃO, Carlos Antonio Leite. A formação do homem moderno vista através da arquitetura. 1987. p.



expressões culturais espelham como a sociedade está se desenvolvendo e mudando ou seria a sociedade quem muda a partir do que é posta pela arte/arquitetura?

Há a importância de se reconhecer os efeitos sobre a arquitetura da evolução dos materiais, mas também sobre o efeito mental na sociedade, atribuindo-a como objeto de estudo historiográfico. Neste sentido, portanto, é necessário compreender que a passagem da arquitetura românica para a arquitetura gótica significa bem mais do que apenas uma mudança de estilo. (FREITAS, 2013)

Quando Le Goff (1992) relaciona a cidade e a arte religiosa certo de que o caráter grandioso de muitas igrejas góticas deveu-se, à princípio, à necessidade de abrigar maior número de fiéis nas cidades, traz à luz a imigração acrescentando-se ao crescimento local da população, e ressalta quanto o surto demográfico foi mais intenso. Contudo, mais que substituir as antigas igrejas por templos maiores, essa nova ordem, escolástica, juntamente com o crescimento demográfico nas cidades, decidiu novos rumos para muitos campos sociais, ditando uma nova perspectiva para os que com ela tinha contato, fosse nos estudos escritos, fosse nas materializações da arte, provocando surgir assim uma Europa do gigantismo onde, a partir de então, o primeiro critério de beleza é o da grandeza.

Na falta de livros e instrução formal, a arquitetura, de acordo com essa ideologia, era considerada chave para a doutrina das classes dominadas pelas dominantes. A estrutura vertical do cosmos medieval não era tomada como uma doutrina abstrata e árida, que tinha de ser aceita pela fé, mas, sim, um mundo que podia ser visto e sentido como os arcos e torres erguidos para o céu. (TUAN, 1983). A arquitetura expressou os princípios da escolástica, foi definitivamente instrumento na consolidação do movimento.

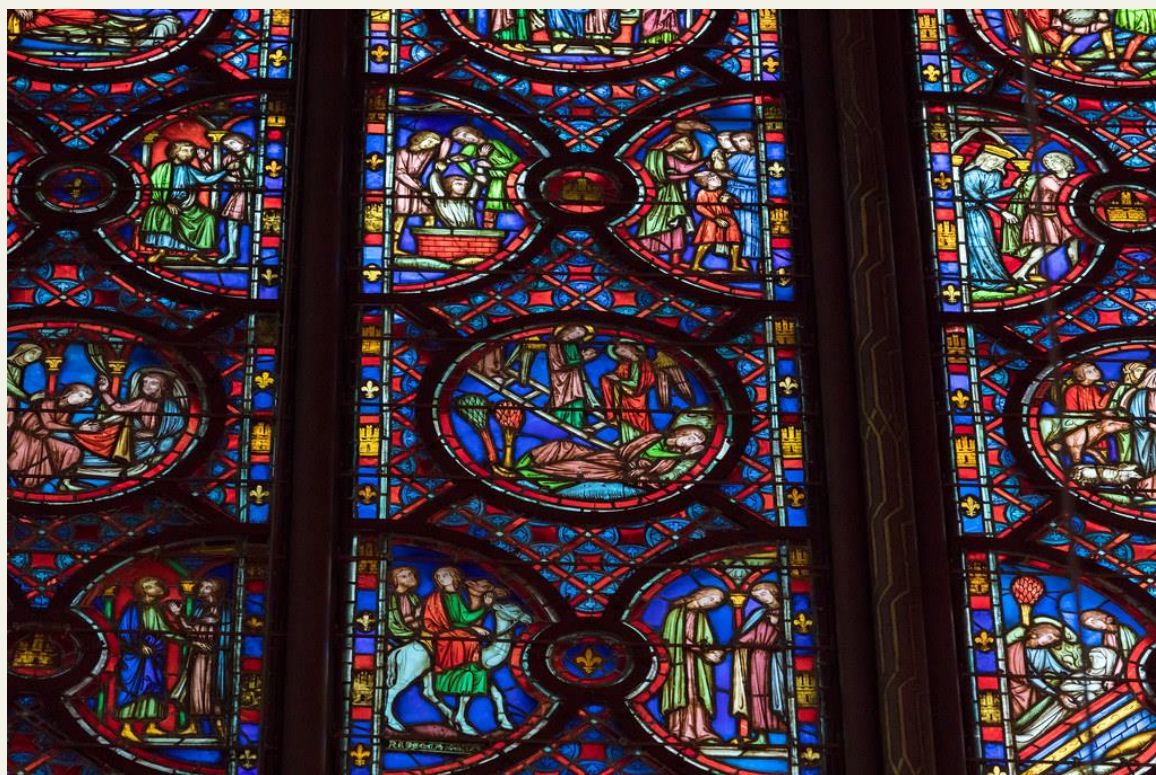
Visto que na Idade Média então, obras arquitetônicas dedicadas a Deus com intenções diretas tinham o poder de inspirar fervor entre o povo, a arquitetura foi colocada mais que como instrumento de pura educação aos fiéis e leigos: foi parte fundamental de toda construção da narrativa e cotidiano dos elementos e características culturais da época.

Hoje em dia isso parece incompreensível ou ainda compreensível e possível, toda essa influência do espaço sagrado arquitetônico na construção do cotidiano das cidades?

## 1.2 A linguagem visual e simbólica.

A linguagem visual e simbólica por meio de imagens em vitrais, pinturas em paredes, pisos, tetos e esculturas montavam o espaço para devoção e adoração, concebidas de forma a destacar a hierarquia divina e contar as histórias do evangelho<sup>7</sup> aos fiéis, isso permitia que analfabetos compreendessem as histórias e os ensinamentos da fé.

Figura 02: Detalhe dos vitrais na igreja Sainte Chapelle, Paris - França, no estilo arquitetônico gótico. As ilustrações nos vitrais contam momentos da vida de Jesus Cristo.



Fonte: <https://arteref.com/arte-do-dia/pintura-escultura-e-manuscritos-iluminados-do-estilo-gotico/>

A disposição dessas imagens dentro do espaço arquitetônico era cuidadosamente planejada para guiar a experiência espiritual do fiel. Um exemplo de bastante atenção são retábulos, estruturas ornamentais atrás do altar, elaborados

---

<sup>7</sup> Histórias bíblicas, retratando momentos importantes da vida de Cristo, dos santos e de outros personagens bíblicos.



com cenas e figuras religiosas proeminentes, atraindo a atenção do fiel e enfatizando a importância dessas representações na adoração.

Figura 03: Com mais de 500 anos de história, o retábulo representa a Dormição e a Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria. Nele estão esculpidas mais de 200 figuras.



Fonte: <https://soucatolico.com.br/maior-retabulo-gotico-do-mundo-volta-a-ser-exposto-apos-seis-anos-de-restauracao/>

A lógica visual revela então a dominância. Brandão (1986) menciona: Dante dizia que o Universo inteiro deveria manifestar a glória do Senhor. Começando por reconhecer a função do arquiteto encarregado de suas obras, impressionar o espírito leigo para que este ponha em contato com o sagrado. Com estes ideais viveu o gótico até o século XIV. Com a ascensão do Renascimento, que tinha o objetivo de enfatizar o homem e o mundo humano utilizando de relações geométrico-matemáticas e a racionalidade da composição, entende-se que o espaço se torna menos espiritualizado e mais intelectualizado. Um ideal de ordem geométrica, com valores antropocêntricos, concretizado no espaço e no tratamento plástico da matéria. (BRANDÃO, 1986). Expressão de uma nova situação do homem diante do mundo, de Deus e de si mesmo.

Como já mencionado, assim como o gótico medieval, o renascimento tinha intenções de utilizar os sentidos visuais para atrair porém com outras perspectivas agora inseridas.

Assim como posteriormente o estilo barroco emergiu como influência direta da Contrarreforma e da Igreja buscando a expressão visual e também para reconquistar os fiéis que estavam sendo “perdidos” para o protestantismo. Reconhecida pela suas formas dinâmicas, fachadas elaboradas e interiores exuberantes, também com ênfase na grandiosidade tal como o gótico, o estilo nasceu com forte apelo emocional e dramaticidade, intencionalmente para cativar os sentidos e as emoções.

A relação pretendida a estabelecer até aqui é a compreensão do uso exacerbado de elementos arquitetônicos e artísticos de vários estilos para cumprir o papel de catequizar leigos fiéis e não fiéis, ao tempo que se desenvolvia técnicas, modos e mecanismos de relações sociais atuando integralmente na construção do cotidiano. Desde a descoberta e compreensão do poder da arte e arquitetura como instrumento nunca abandonou-se a estratégia, e usou-se replicar sempre adequando a época inserida. A relação da arquitetura e das artes como símbolos de mudanças, desde a inovação da forma de se construir até a alteração da mentalidade da sociedade.

Não por coincidência e sim propositalmente uma parte do universo artístico arquitetônico brasileiro está intrinsecamente ligado à religiosidade (TALIM, 2012). Considerando que somos um país invadido, colonizado e catequizado pela Igreja Católica. Como um dos maiores exemplos no Brasil temos o estilo arquitetônico Barroco correspondente a maior parte do período colonial 1530 a 1822 quando o país passa a responder como o Reino de Portugal, Brasil e Algarves. Com isso temos também uma grande parte do universo patrimonial cultural, artístico e arquitetônico ligado intimidade à religiosidade católica. O Brasil possui hoje 398 bens religiosos tombados de origem católica, entre os bens estão mosteiros, igrejas, capelas, além de festas e celebrações registradas pelo Iphan. Todos esses bens são registros do desenvolvimento e identidades culturais de populações em cidades e estados. Em Minas Gerais, por exemplo, o barroco permanece, não apenas como estilo e



expressão artística dominante no patrimônio cultural do estado, mas, ainda, como uma espécie de *ethos* ou visão de mundo que marca as cidades do ciclo do ouro.<sup>8</sup>

É importante pontuar que este trabalho é apenas uma parte, de um trabalho inacabado. Neste momento do trabalho faço uma interrupção do aprofundamento do desenvolvimento do campo artístico e arquitetônico brasileiro para alcançar o caso que fez disparar os interesses e estudar os temas aqui propostos.

## 2. Memórias de Muriaé

### 2.1 Território

Muriaé, cidade de atualmente 109.997 mil habitantes (IBGE 2021), localizada na Zona da Mata Mineira, Minas Gerais - Brasil, cerca de 300km da capital Belo Horizonte. Existem algumas versões sobre a origem do nome da cidade que são popularmente conhecidas e que constam em muitos sites de busca na *internet*, como a exposta a seguir:

*O nome da cidade é provavelmente de origem indígena. Embora não exista consenso sobre o significado da palavra “Muriaé”, a maioria das hipóteses aponta para a relação com a existência de mosquitos. Por esta ótica, a evolução etimológica pode ter acontecido a partir de “Meru-aé” (mosquito diferente e mau) ou “Meruim-hu” (rio dos mosquitos). A informação do Almanaque das Casas Americanas, de 1914, de que 15% das crianças nascidas no município no ano de 1876 morreram em razão da febre amarela - doença provocada pela picada de mosquitos - faz essas versões ganharem força. Há ainda outras opções menos cotadas, segundo as quais o nome do rio e da cidade, com origem na palavra “Mboriahu”, significaria aflição e lamento. (Cidades do meu Brasil, s.d)*

---

<sup>8</sup> <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/786/>

Figura 04: Mulas nas ruas de Muriaé (s.d)



Fonte: LIMA, Cristian Gomes. Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG). Editora FAMINAS, 2016

Segundo documentos pesquisados na sede do Arquivo Municipal Histórico de Muriaé, em sua origem a cidade foi, inicialmente, habitada por indígenas das tribos Guarus ou Guarutos, chamados também de "índios puris". Tal origem foi seguida pela colonização pautada no comércio entre brancos e indígenas, "Brancos esses narrados pela história sempre como desbravadores que fazendo fogos, descortinando matas e purificando ares, tornaram os sertões menos rigorosos" (Nossa história, s.d).

Segundo fontes, no ano de 1819, a figura de Constantino José Pinto liderou uma expedição com cerca de 40 homens comerciantes cruzando o Rio Pomba até o Rio Muriaé, vindo aportar junto a uma cachoeira e se fixando onde, hoje, é conhecida como **Praça do Rosário** (figura 06) . Esses movimentos deram início à aldeia de São Paulo do Manoel Burgo, oficializada, na época, pelo chamado auto de medição das terras. Hoje esta praça é uma das centralidades da cidade, reunindo a **Igreja Nossa Senhora do Rosário**, área de lazer com quadra, brinquedos, bares e lojas comerciais. A capela que deu origem à Igreja foi autorizada a ser edificada em 1824, com seu primeiro capelão sendo Padre Joaquim Teixeira de Siqueira.

Figura 05: Praça e Igreja Nossa Senhora do Rosário (s.d). Muriaé - Minas Gerais.



Fonte: [https://www.guiamuriae.com.br/historia-da-cidade/historia/fotos-antigas-de-muriae?fbclid=IwAR1OsCjAJ1bMitQUls\\_FtAoZP3e32UIJl2AgBi9CgOC5\\_yoHlnbJoP\\_L0nE](https://www.guiamuriae.com.br/historia-da-cidade/historia/fotos-antigas-de-muriae?fbclid=IwAR1OsCjAJ1bMitQUls_FtAoZP3e32UIJl2AgBi9CgOC5_yoHlnbJoP_L0nE)

Figura 06: Praça e Igreja Nossa Senhora do Rosário, dias atuais. Muriaé - Minas Gerais.



Fonte: GoogleMaps. 2022

Com o crescimento do povoado nas margens do Rio e a intensificação do comércio, em 7 de abril de 1841 foi criado o distrito São Paulo do Muriaé, ainda pertencente a São João Batista do Presídio (atualmente município de Visconde do Rio Branco, Minas Gerais, distante 80 km de Muriaé). Esse povoado respondia



religiosamente a Santa Rita do Glória (atualmente município de Miradouro, Minas Gerais, localizada a 32 km de Muriaé). Posteriormente, em 16 de maio de 1855, o distrito São Paulo de Muriahé foi elevado à categoria de vila e não pertencia mais a São João Batista do Presídio. Somente em 25 de novembro de 1865 que a vila foi elevada à condição de cidade, contudo a denominação Muriaé só viria em 7 de setembro de 1923.

Finalizando, então, as datas que contam uma parte dessa história, em 4 de setembro de 1958 foi decretado o dia 6 de setembro como “Dia do Muriaeense”.

O café foi um dos principais comércios produtivos na época da fundação do município, sendo a monocultura cafeeira a primeira grande responsável pelo desenvolvimento econômico da cidade até a última década do século XIX. A partir de 1886, pontuando mais uma das populares características de cidades mineiras da Zona da Mata, houve a instalação dos trilhos da Estrada de Ferro Leopoldina, que ligava Muriahé à capital da República, na época, Rio de Janeiro.

A maior parte da história, conforme divulgada pelo arquivo histórico municipal e outras fontes, geralmente enfatiza a passividade da relação entre colonizador e colonizado. No entanto, em alguns trechos, são mencionados os verdadeiros conflitos e seus motivos.

*As primeiras famílias que ocuparam o território vinham da região das minas e eram de origem portuguesa, trazendo consigo os seus escravos negros. Há registo de poucos conflitos com os índios nativos da região, especialmente os das tribos Puri e Guarus, que com o passar **dos anos se submeteram à cultura dos colonos através da catequização**. Toda a região foi sendo ocupada seguindo o curso dos rios. (Miradouro, Nossas Histórias. s.d)*

A cultura popular presente nas memórias da formação de muitos municípios do interior brasileiro revela padrões recorrentes nas histórias ao longo dos séculos. O surgimento de pequenas vilas que se transformam em cidades importantes, sob a influência de padres, irmandades e missões, apresentam características semelhantes, como conflitos territoriais com povos nativos e escravizados, batismos, catequização e a construção de praças, igrejas e cemitérios próximos uns dos outros. Além disso, destacam-se as novenas, rezas, cafés da tarde entre vizinhos, festas juninas, festas dos padroeiros, cantatas e cortejos, assim como a existência de parentesco entre uma

boa parcela da população local. Esses são alguns dos elementos que constituem as linhas comuns das histórias locais.

Coloco como questão neste momento do estudo pontuar essas linhas comuns escritas na maioria das histórias das cidades brasileiras como o que entendi e chamei de “características populares”. Traço essas correlações nas origens e cotidianos com o intuito de tentar explicitar padrões do catolicismo e a forte influência da Igreja Apostólica Romana no desenvolver dos hábitos das populações e, até mesmo, na formação das convicções e ideais dominantes entre os moradores das cidades, tentando reconhecer e compreender os efeitos desse cenário.

O desenvolver de povos às margens de um rio, de praças e de igrejas católicas estão, como já comentado, dentro dessas linhas e memórias comuns. Em Muriaé, destacamos a praça e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário à margem do Rio Muriaé, que foi ponto de chegada dos colonizadores na cidade. A maioria dessas primeiras igrejas dos municípios, geralmente, era elevada, posteriormente, à condição de uma das matrizes, sendo a igreja matriz a responsável, na hierarquia, pela divisão das comunidades e bairros. O que não aconteceu com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que não foi elevada à matriz e está vinculada àquela do bairro central da cidade, Igreja Matriz de São Paulo (figura 08). Por uma questão de hierarquias e ordenamentos, a Igreja Matriz de São Paulo é a mais antiga da cidade.

A edificação sofreu algumas consideráveis modificações com o passar do tempo, acompanhando a necessidade de desenvolvimento da cidade e a modernização da vizinhança, como mostram as imagens.

Figura 07: Matriz de São Paulo, Centro. Muriaé - Minas Gerais. (s.d)



Fonte: <https://www.silvanalves.com.br/portal/2021/06/muriae-com-sao-paulo-na-historia-hoje-29-e-o-dia-do-padroeiro-da-cidade/>

Figura 08: Matriz de São Paulo, Centro. Muriaé - Minas Gerais.



Fonte: Google Imagens. 2022

Nas proximidades da Igreja Matriz de São Paulo, mais precisamente à frente e do lado direito, está um colégio e uma praça, que também carrega o nome do mesmo Santo, bem como o primeiro cemitério municipal de Muriaé. Isso exemplifica mais uma característica do desenho das cidades brasileiras que, por vezes, cresceram, e crescem até hoje, ao redor dos seus centros religiosos, concentrando a vivência da população no que parece estar sob o “olhar” da Igreja Católica. Seguindo a necessidade da construção de novos templos para atender os fiéis e dividir as regiões no município, é comum observar que os bairros recebem o nome dos santos e santas padroeiros das capelas e igrejas que são construídas em seus territórios, marcando sempre essas centralidades e delimitando localidades.

A lista com os nomes dos 67 bairros do município contabiliza 16 com os que recebem nomes dos santos católicos, como indica a figura abaixo onde esses últimos estão em negrito:

1. <b>São Pedro</b>	18. <b>Santo Antônio II</b>	29. João XXIII	42. Cerâmica	57. Napoleão II
2. <b>Rosário</b>	19. Vale do Castelo	30. Parque João VI	<b>43. Santa Rita</b>	58. Florestal
3. Coronel Izalino	20. Alto do Castelo	<b>31. Santa Helena</b>	<b>44. Patrimônio</b>	59. José Cirilo
4. Porto	21. Primavera	32. Distrito Industrial	<b>São José</b>	60. Franco Suíço
<b>5. Santa Terezinha</b>	22. Quinta das Flores	33. Alterosa	45. União	<b>61. Santana</b>
6. Encoberta	23. Jardim das Palmeiras	34. Planalto	46. Gaspar	62. Bom Pastor
7. Inconfidência	24. Prefeito Hélio	35. Parque Safira	<b>47. Santa Luzia</b>	63. Cardoso de Melo
8. Inconfidência II	25. Colety	<b>36. São Vicente de Paulo</b>	48. Sofocó	<b>64. São Joaquim</b>
9. Inconfidência III	26. Bico Doce	37. Cerâmica	49. Aeroporto	65. Boa Esperança
10. Chalé	27. Kennedy	38. Barra	50. Dornelas	66. Joanópolis
11. Padre Tiago	<b>28. Santo Antônio<sup>9</sup></b>	39. Barra II	51. Dornelas II	67. Nova Muriaé
<b>12. Santa Laura</b>		<b>40. São Gotardo</b>	52. Napoleão	
13. Vale Verde		<b>41. São Cristóvão</b>	53. Gávea	
14. Porto Belo			54. Recreio	
15. Vila Conceição			55. Chácara Brum	
16. Centro			<b>56. São Francisco</b>	
17. Recanto Verde				

Somando às características já citadas, centenas de cidades brasileiras comemoram seu aniversário no dia destinado ao seu santo padroeiro, ou decretam feriado municipal neste dia. Um outro hábito popular é utilizar o espaço dessas praças e jardins ao redor das Igrejas como ponto de encontro para os mais diversos fins,

<sup>9</sup> Fonte: Lista de bairros fornecida por site de busca.

inclusive de convívio recreativo, nutrindo ali memórias capazes de se manterem vivas por anos e anos. Tudo isso é o reflexo expressivo de uma sociedade moldada nos caminhos “dos altares da Igreja Católica”, enfatizando que essa relação está enraizada em cada pedaço de terra e do cotidiano, estando os sujeitos ligados ou não ao catolicismo.

Contudo, todos esses pontos que levam à compreensão dessa influência católica nas realidades brasileiras abrem um leque de questionamentos quando somados à individualidade de cada ser humano que vivencia todo esse poder sobre o seu cotidiano, existindo muitos pontos de vista das experiências e dos ensinamentos absorvidos. A partir da perspectiva que a Igreja oferece, as definições de relações, a moral e os bons costumes são definidos e repassados para a população.

## **2.2 - Divisões de territórios e divisões sociais.**

O presente estudo se move em direção a um espaço mais específico da cidade de Muriaé, que está diretamente ligado às minhas memórias pessoais: a Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no bairro do Porto.

Nasci no ano 1998 e fui batizada na Igreja Nossa Senhora Aparecida no ano 2000. De sua origem até o ano 2005, todo meu conhecimento sobre a construção da paróquia do Porto foi assimilado por meio dos relatos dos mais velhos, dos documentos preservados na paróquia e do trabalho historiográfico do historiador e geógrafo Cristian Gomes Lima ao publicar seu livro “Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG)”. A partir de 2005, quando completei sete anos, fui inserida na história dessa igreja ao participar dos encontros de catequese aos sábados de manhã. Nesse período comecei a ter minhas próprias recordações no passar dos anos, cooperando em grupos de jovens, organização das missas, de passeios e de encontros. Passei, então, a compartilhar das memórias



coletivas<sup>10</sup> da comunidade e a criar minhas próprias memórias individuais sobre esse espaço.

Antes de adentrar mais especificamente nas questões relacionadas à Paróquia Nossa Senhora Aparecida, descrevo uma parte do território mais micro da cidade, como o bairro onde ela está construída, seus cotidianos e práticas culturais estabelecidas para melhor exemplificar e prosseguir com o trabalho de análise da presença de certos padrões nas memórias coletivas dessas localidades.

A região onde hoje se encontra a Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida começou a ser povoada simultaneamente à própria centralidade da cidade de Muriaé, na segunda metade do século XIX. Mesmo não sendo em área central no processo de ocupação, o bairro do Porto, onde se localiza a matriz citada, teve casas construídas devido à sua importância estratégica para chegadas e saídas da cidade, tendo em vista que, nesta região, existia um porto fluvial do rio Muriaé que recebia as embarcações vindas de Campos dos Goytacazes - RJ, o que explica, inclusive, a denominação bairro do Porto.

Figura 09: Ponte do Porto no início do século XX.



---

<sup>10</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.

LIMA, Cristian Gomes. Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG). Editora FAMINAS, 2016

Analisar o surgimento e crescimento de cidades brasileiras é pensar em territórios muitas vezes invadidos, é pensar também em mortes e em roubos. Invasões realizadas nas divisões desses tantos territórios e estando a Igreja Católica presente desde o primeiro momento dessas invasões e divisões.

Dentre vários desdobramentos causados por essas divisões e esferas criadas por essas que geraram e geram até hoje segregações também raciais, sociais e de classe - como divisões territoriais, por exemplo - teria nesse momento da história das cidades sua maioria da população mesmo com todas essas separações a fé em comum, exercida ou não em lugares destinados a essa função. Essas divisões territoriais resultaram em desdobramentos diversos, incluindo divisões raciais, sociais e de classe. No entanto, mesmo com todas essas separações, é importante ressaltar que há uma maioria da população compartilhando uma fé comum, independentemente de exercê-la em espaços religiosos designados para esse uso ou não. Essa fé em comum transcende as barreiras criadas pelas divisões sociais e é uma força unificadora que permeia a vida das pessoas, independentemente de sua posição na sociedade.

Dentro deste comum que é compartilhado pelos cidadãos, muitos momentos se intercalam, criando dinâmicas e memórias poderosas o suficiente para perpassarem anos e anos de gerações a gerações. O desenvolvimento e novos passos da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e a construção/edificação da Igreja foi o símbolo de representação da “nova concepção”<sup>11</sup> que estava acontecendo dentro da Igreja Católica Apostólica Romana, a missão de integrar todas as comunidades que a ela pertenciam, com a ideia de mais interação e mais ações sociais.

---

<sup>11</sup> Concílio Vaticano II (1962-1965) promoveu a maior reforma litúrgica conhecida pela história da Igreja. Mais do que uma simples mudança ou atualização de ritos, a liturgia renovada pelo Vaticano II manifestou uma nova compreensão da Igreja acerca de si mesma e de suas relações com o mundo moderno.

A área que hoje é conhecida como o bairro do Porto era dividida no que chamamos de sítios e contava com aproximadamente 20 famílias, isso por volta de 1920. O terreno, que era diferente do atual que possui declive acentuado, chegava até a “boca” do rio<sup>12</sup>

Os primeiros passos da comunidade religiosa no bairro do Porto se deram por volta de 1930 e 1940, com fundações das primeiras irmandades religiosas, setor importantíssimo para a disseminação da liturgia<sup>13</sup> e consolidação do catolicismo no Brasil, mais precisamente em Minas Gerais e Rio de Janeiro a partir, então, dos anos 1930. Nos documentos presentes na paróquia, consta a doação do terreno para a igreja em 1888, ano em que já havia uma capelinha construída no local dedicada à Nossa Senhora do Rosário, porém não se tem certeza de que era usada para a celebração de missas. Acredita-se que era somente uma dessas “capelas de fazenda” que ali existiam. Ao redor dessa capelinha, a família doadora construiu seus túmulos. Posteriormente, as ossadas ali enterradas foram encaminhadas para o cemitério municipal.

*A chegada da imagem de Nossa Senhora do Rosário foi marcada, pouco tempo depois, pela tragédia misteriosa de um incêndio que queimou por completo a capelinha. Para manter o vínculo dos fiéis que ali já estavam acostumados, a essa altura, a fazerem suas orações e promoverem encontros de fé foi erguida uma cruz que, em pouco tempo, foi substituída pela construção de uma nova capela (LIMA, Cristian Gomes. 2016, p.24)*

Relatos orais presentes no livro do autor (LIMA, 2016, p.56) contam que, por volta de 1920, os fiéis se reuniram na cruz para rezar o terço à luz de lamparina e nutriam o sonho de construir uma nova capela. Mas foi somente em 03 de maio de 1922 que o Padre Lúcio de Oliveira Benfica celebrou a primeira missa no cruzeiro e marcou o começo da construção de uma nova capela, dando início a uma nova fase para a comunidade com a iniciativa do catecismo e o maior número de envio de padres para assistência religiosa. No dia 15 de agosto de 1925, em meio a uma festa

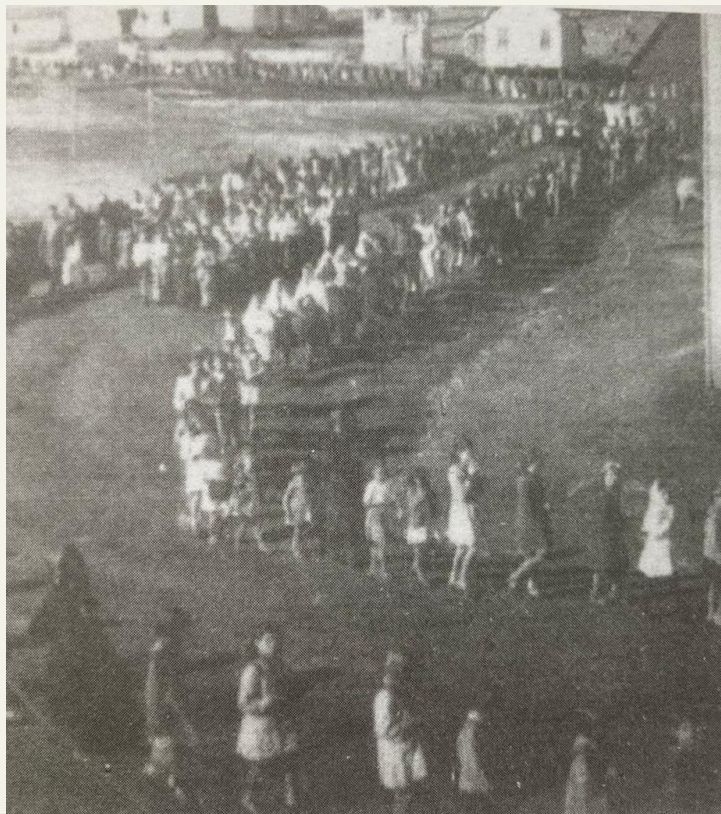
---

<sup>12</sup> Não foram encontradas fotos desse terreno tão próximo ao rio, apenas esse relato presente no livro: Construção do Tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, 2016.

<sup>13</sup> De acordo com o Catecismo da Igreja Católica, originalmente, a palavra liturgia significa “serviço de e em favor do povo”. Nesse sentido, na tradição cristã, significa que o “povo de Deus faz parte da obra de Deus” (conforme CIC, 1069)

promovida pela comunidade, chegou a imagem de Nossa Senhora Aparecida (LIMA, 2016), como mostra a imagem abaixo:

Figura 10: Chegada da primeira imagem de Nossa Senhora Aparecida em procissão (1925)



Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.

LIMA, Cristian Gomes. Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG). Editora FAMINAS, 2016

Trazendo até esse momento fatos históricos que colocam em relação a comunidade com a cidade e com a Igreja Nossa Senhora Aparecida e seu entorno, bem como minhas experiências e reflexões sobre esse mesmo tema. Damos início agora, neste subcapítulo, à abordagem de transformações arquitetônicas no edifício da Igreja Nossa Senhora Aparecida e no meio urbano em que se insere, o que será apresentado também através de um diagnóstico físico e social do local, descrevendo o que já foi e o que agora representa para a comunidade.

Busca-se explorar esse processo de materialização com o objetivo de aprofundar o estudo e compreender a formação da comunidade em paralelo à necessidade de construção física de uma igreja. A revisão dos dados já apontados é tomada como potente para garantir um melhor desenvolvimento sobre as datas que



envolvem a construção da igreja, concomitantemente ao desenvolvimento da comunidade no seu entorno:

- 1888 - **A doação da área** para os cuidados da igreja católica por uma família local.
- Dentro desta área doada já **existia uma capela** usada pelos antigos donos do terreno, não aberta aos outros moradores.
- 1920 - Famílias assentavam no bairro.
- 1920 a 1930 - A comunidade recebe assistência religiosa e chegada da imagem de Nossa Senhora Aparecida.
- 1930 a 1940 - Fundação de irmandades religiosas no Brasil.

A seguir, estão imagens que retratam o passar do tempo e mudanças como o desenvolvimento do bairro, com a construção de algumas casas, auxiliando a exemplificar a relação que foi sendo construída por toda comunidade.

Figura 11: Comunidade ao lado da igreja no início dos anos 1940



Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.

LIMA, Cristian Gomes. Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG). Editora FAMINAS, 2016

Figura 12: Bairro do Porto em 1947. Algumas casas, a ponte e a igreja no alto.

Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.



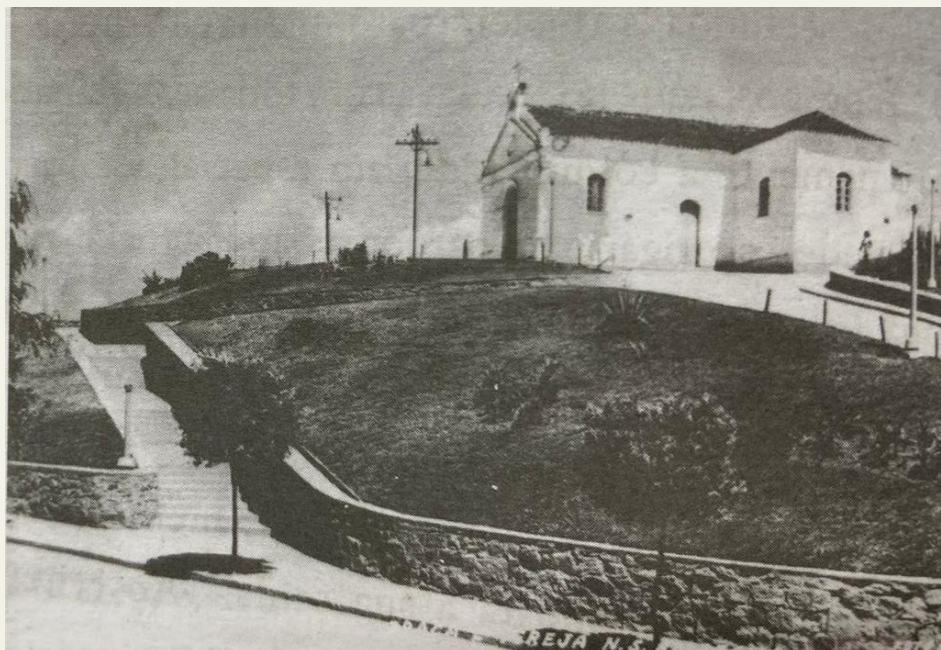
LIMA, Cristian Gomes. Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG). Editora FAMINAS, 2016

Com o passar dos anos, ao ver o movimento religioso popular crescente no bairro, a igreja católica percebeu a necessidade de sua assistência, enviando padres para celebrar e acompanhar a comunidade. Além disso, de maneira definitiva, a tornou parte integrante e ativa da paróquia São Paulo<sup>14</sup>. (LIMA, 2016).

---

<sup>14</sup> Por uma questão de hierarquias e ordenamentos, a Igreja Matriz de São Paulo é a mais antiga Igreja Matriz da cidade. Situada no centro da cidade a 1,5 km (19 min a pé) da Paróquia Nossa Senhora Aparecida.

Figura 13: Igreja do Porto em 1956



Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.

LIMA, Cristian Gomes. Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG). Editora FAMINAS, 2016

Até 1965, ano de realização do Concílio Vaticano II<sup>15</sup> e a posterior reforma litúrgica, a Igreja Católica era estruturada a partir de uma concepção evangelizadora bem diferente da atual. Na época, o leigo<sup>16</sup> não participava da atividade evangelizadora da igreja. Era um agente passivo que apenas assistia e recebia a palavra num ato de profunda piedade. (LIMA, 2016)

Eram tempos das missas celebradas em latim, língua oficial da Igreja, com o padre de costas para a assembleia em um ato de "intimidade e exclusividade" entre o sacerdote e o sacramento da eucaristia<sup>17</sup>, enquanto a comunidade assistia a toda a

---

<sup>15</sup> Concílio Vaticano II (1962-1965) promoveu a maior reforma litúrgica conhecida pela história da Igreja. Mais do que uma simples mudança ou atualização de ritos, a liturgia renovada pelo Vaticano II manifestou uma nova compreensão da Igreja acerca de si mesma e de suas relações com o mundo moderno.

<sup>16</sup> Cristãos que não fazem parte do clero, não são ordenados nem fazem parte da hierarquia eclesiástica, mas participam ativamente de atividades ligadas à Igreja

<sup>17</sup> A Eucaristia é uma celebração da Igreja Católica para lembrar a morte e ressurreição de Jesus Cristo. É também chamada de comunhão. Eucaristia significa reconhecimento, ação de graças, em grego. Um dos sete sacramentos, a eucaristia ou comunhão é o ato de recebimento da hóstia consagrada (feita de farinha e água), símbolo do corpo de Cristo.



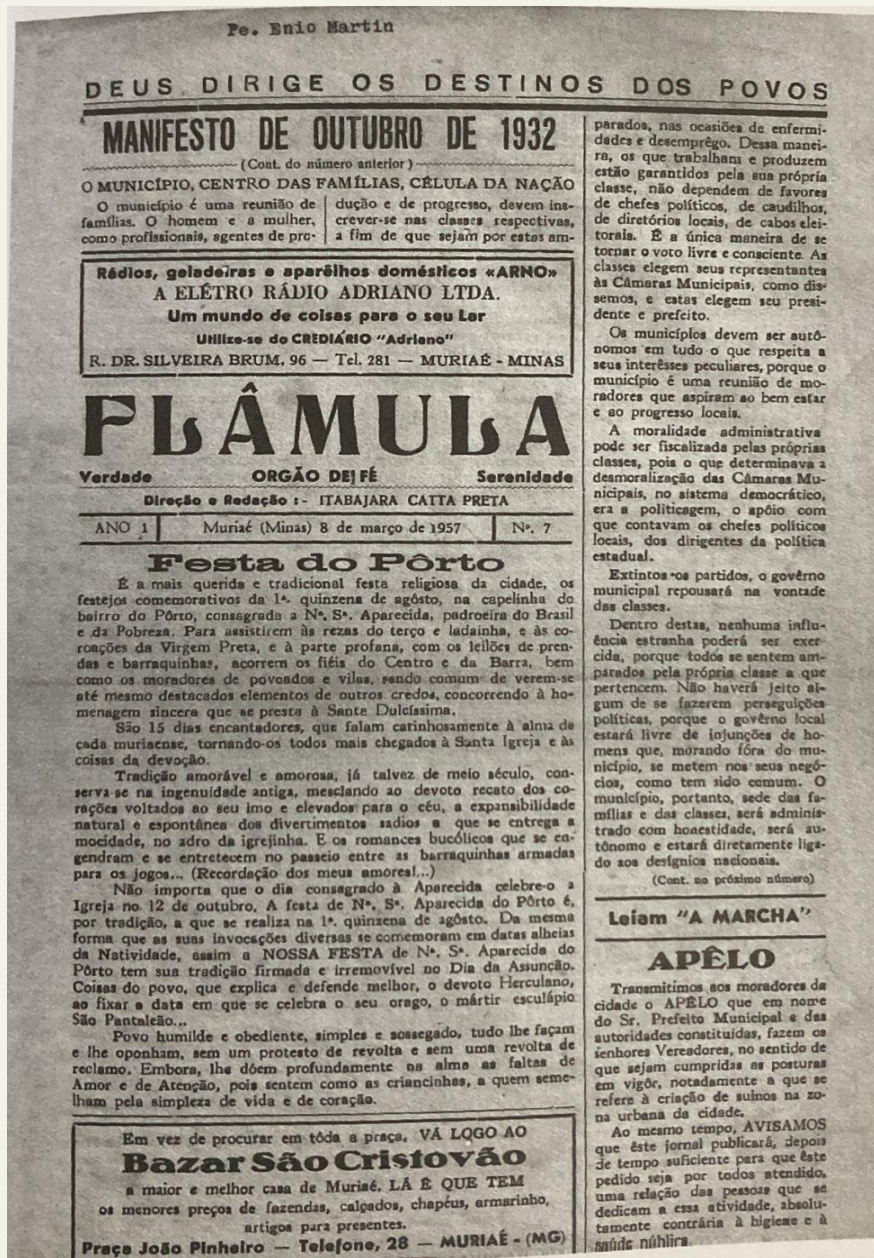
realização do sacramento com profunda passividade. Deste modo, era comum fiéis rezarem o terço no decorrer da celebração eucarística.

Com os novos acordos estabelecidos pela Igreja no Concílio Vaticano II, comunidades começaram a refletir sobre o “novo catolicismo colonial brasileiro”, de caráter leigo, em que seus membros construíam e administravam igrejas, contratando seus capelães, organizando as festas dos padroeiros, recolhendo esmolas para os templos, rezando terços, ladainhas e novenas.

Tudo isso resultou em uma comunidade de alicerces mais sólidos, e foi em seu período que a nova igreja foi construída, que o povo cresceu enquanto grupo de fé, enfim, que a ideia de uma nova paróquia, plantada pelo padre Henrique de Groot, se consolidou. **Vejamos alguns jornais da época** (figura 14) **Observa-se logo na primeira página um interesse explícito de promoção da capelinha do bairro.** Todo o povo ansiava pela criação de uma paróquia, já era um caminho sem volta. (LIMA, Cristian Gomes. 2016, p.57)



Figura 14: Recorte jornal, 8 de março de 1957.



Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.

LIMA, Cristian Gomes. Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriáé (MG). Editora FAMINAS, 2016

Figura 15: Recorte jornal, 8 de março de 1957. Destaque para os escritos sobre a festa do Porto, demonstrando a popularidade da festa anual celebrada em agosto na época.



Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.

LIMA, Cristian Gomes. Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG). Editora FAMINAS, 2016

### 2.3 A construção da edificação

Por volta de 1957, o muriaeense Braz La-Gatta foi procurado por Padre Ênio (na época o padre responsável pela paróquia) para fazer o projeto arquitetônico da nova igreja que viria a ser construída. Braz, que ainda era estudante do último ano de faculdade na Escola Nacional de Arquitetura, no Rio de Janeiro, acolheu com alegria

e empolgação a encomenda. Segundo o próprio autor do projeto, era uma sorte para alguém de sua profissão a oportunidade de projetar uma igreja, ainda mais no início da carreira. (LIMA, 2016)

O projeto foi feito por volta do ano de 1958, quando o Brasil ainda vivia a construção de Brasília e respirava obras dos famosos arquitetos Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, expressando, assim, o quanto o estilo arquitetônico moderno influenciou as concepções de La Gata.

Na elaboração do projeto, Braz conta que não gosta de pilares aparecendo em suas obras, e como os da igreja eram muito grandes ele pensou em colocá-los entre duas paredes e aproveitar esses vãos para as passagens das escadas do coro, para os altares laterais dos santos e confessionário do padre. Terminado o trabalho, quando foi entregar a planta, padre Enio estranhou muito algo tão diferente e a princípio não gostou, por não ter conseguido visualizar pela planta baixa a obra, conforme a ideia de Braz. Diante disso, para uma segunda apresentação do projeto foi elaborada uma maquete da igreja que estava no papel, e somente assim foi compreendida e muito bem acolhida pelo padre. (LIMA, Cristian Gomes. 2016, p.57)

Com o projeto pronto, ainda em março de 1958, o então bispo diocesano Dom Delfim Ribeiro Guedes aprovou a planta da construção da nova igreja em honra à Nossa Senhora Aparecida, no dia 20 de setembro. A obra, segundo documentos presentes na paróquia, demorou 17 longos anos para ser concluída. No livro o autor coloca, segundo relatos da comunidade:

A partir de então começou um grande empenho em angariar fundos para manter a obra. As arrecadações da quaresma, da festa de Santo Antônio em junho e de São Cristóvão e Nossa Senhora Aparecida de julho e agosto eram as grandes fontes de recursos para o andamento da construção. Além dessas, é bom lembrar também de outras fontes eventuais, mas de grande importância, como doações de pessoas da cidade e as vultosas ofertas da Holanda, terra de padre Enio. Todavia, mesmo sendo rendas significativas, sozinhas não eram suficientes para a manutenção permanente da obra e várias vezes ela foi parada por falta de dinheiro. Na execução - feita pelo construtor Abílio de Matos, conhecido como "Biloca", e seu filho Marcelino e equipe - primeiramente foi construída a parte do presbitério, onde ficaria o altar, a qual tinha o teto mais alto de toda a obra. Para isso não foi



necessária a demolição da antiga capela, pois essa cúpula foi construída numa área atrás dela. (LIMA, Cristian Gomes. 2016, p.57)

Braz La-Gatta (2016) relata no livro “o solo do morro da igreja era muito estável, o que favoreceu a construção, contudo teve grande preocupação na fundação que estava sendo construída ao lado do barranco que dava para a rua abaixo”.

Nesse tempo de obras, as missas aconteciam dentro da capela, porém, para ser executada, a laje precisou ser demolida e os cultos passaram para o presbitério<sup>18</sup> que já se encontrava concluído. Relata-se que a laje foi outro momento delicado da construção, pois era muito grande e foram necessários centenas de homens carregando latas de concreto nas costas durante horas, sem parar, até que ficasse completa.

A seguir, uma citação longa do livro onde é detalhado o projeto arquitetônico da igreja e algumas ponderações do autor, além de nomes de prestadores de serviços realizados durante as obras e informações sobre particularidades que desenrolaram ou atrasaram a obra.

Na ocasião da fundação da paróquia, em 1965, a obra ainda estava na colocação do piso e na compra de bancos. As festas deste ano renderam o suficiente para comprar os basculantes na ferragem e seus vidros. Após, aproximadamente, um ano de reservas geradas por festas e doações, foi iniciada em agosto de 1967 a construção da torre. Sua fundação impressionava com aproximadamente 8 metros de profundidade. O arquiteto fala de sua preocupação e encanto com a torre, sendo por um lado sua fundação extremamente delicada e noutro seus traços que contam com três pilares sem ângulos retos em relação ao chão que se inclinam gradualmente até afinar no topo. A construção da torre foi concluída em março de 1968, juntamente com uma sala que ligava a torre à igreja. Em 1969 a parte elétrica (luz) da igreja foi concluída. Além disso, é importante lembrar que nesse ano chegou à cidade um centro social móvel que ensinava profissões para jovens. Aproveitando a oportunidade, padre Enio fechou um acordo com este para que seus alunos de "pintura de residências" fizessem o serviço na igreja. Mas, foi somente no ano de 1971 que a pintura externa foi concluída. No ano

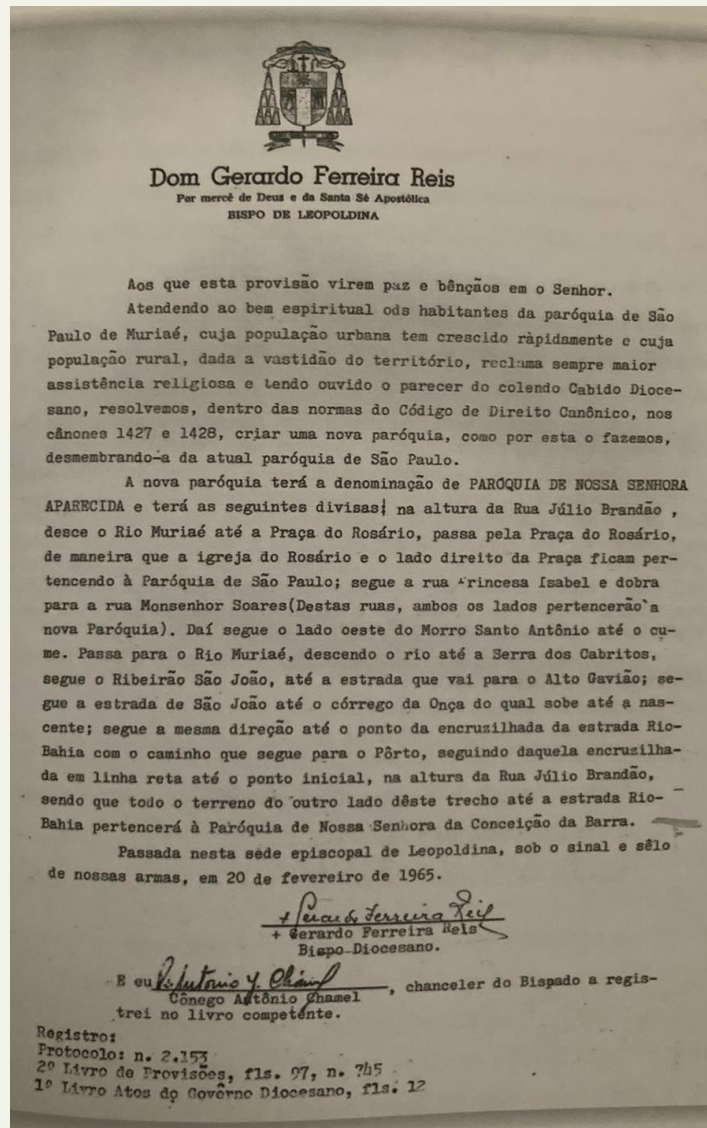
---

<sup>18</sup> Espaço onde acontece toda a ação litúrgica. Onde atuam os ministros, os presbíteros, que é quem preside a celebração, os acólitos e também os leitores. Em algumas comunidades é um espaço elevado para poder facilitar a visão de toda a assembleia que acontece no presbitério

seguinte à conclusão da pintura, um belíssimo altar de mármore com iluminação moderna foi construído no interior da igreja. Ainda, houve a necessidade que a torre fosse pintada novamente devido a algumas falhas e o telhado ganhou calhas de cimento. Além disso, a torre ganhou uma cruz iluminada em seu topo e foi inaugurada na noite de natal. Terminada a obra, padre Enio logo marcou com o bispo a ordenação da nova igreja para o dia 04 de maio de 1975. Durante a missa, que começou às 17h e terminou às 20h, a igreja foi consagrada separadamente do altar, onde foram colocadas duas relíquias: uma de Santa Vitória e outra de São Nectário. Na cerimônia de sagração da nova igreja, o coro foi dirigido por Iracildo Lopes e Irmã Rosita, estavam presentes várias autoridades eclesiais e civis: Dom Gerardo Ferreira Reis (Bispo diocesano), Gilberto de Roy (superior MSC), Padre Henrique de Groot, Padre Tiago Prins, Irmã Hermenegilda (Superiora Marcelina), Prefeito Paulo Fraga, Bernadeth Carneiro (Vereadora), Ionir Bastos Dias (Diretora do grupo do Porto). (LIMA, Cristian Gomes. 2016, p.60)

Os registros documentam que, mesmo sem a obra estar concluída, em 20 de fevereiro de 1965, ela foi inaugurada como a terceira paróquia da cidade de Muriaé (figura 16).

Figura 16: Registro de criação da paróquia. 20 de fevereiro de 1965



Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.

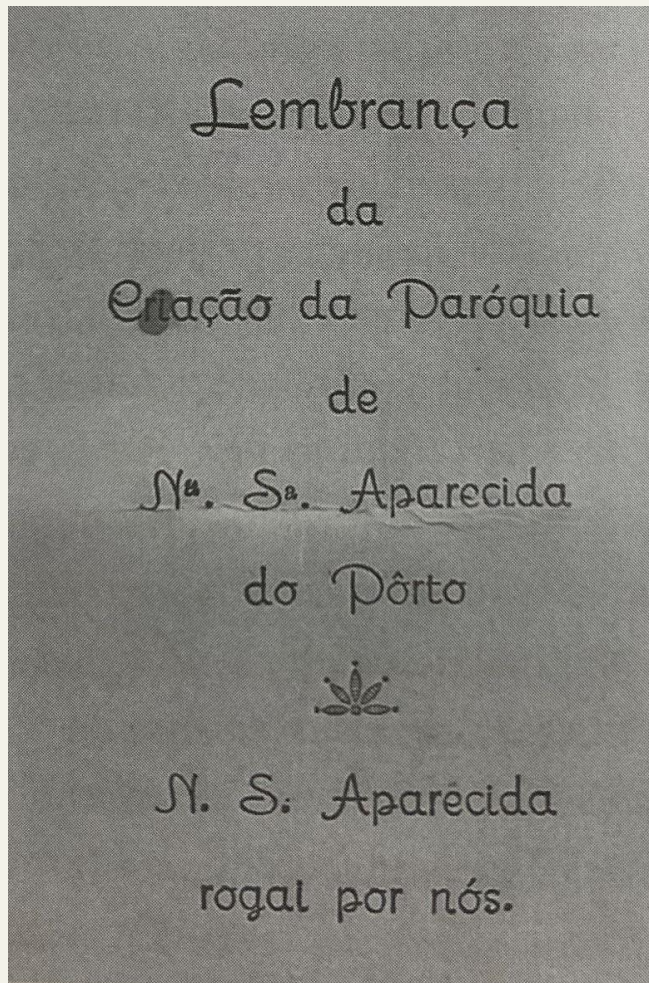
LIMA, Cristian Gomes. Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG). Editora FAMINAS, 2016

Porém, foi somente no domingo, dia 07 de março de 1965, em uma missa presidida pelo bispo<sup>19</sup> atuante na época, Dom Gerardo Ferreira Reis, que foi instalada solenemente a paróquia.

<sup>19</sup> O bispo comanda uma diocese. Uma arquidiocese é uma 'província eclesiástica' que abrange todas as dioceses de uma região; ela é comandada por um arcebispo. O bispo ou arcebispo tem o poder de estabelecer o sacramento da ordem. Ele pode elevar diáconos a padres.



Figura 17: Santinho de lembrança feita na criação da paróquia.



Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.

LIMA, Cristian Gomes. Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG). Editora FAMINAS, 2016

Após os anos 1960 e vários anos de construção, a paróquia testemunhou uma sucessão de padres responsáveis pelo fortalecimento da comunidade na década de 1990. Durante esse período, foram criados e estabelecidos diversos movimentos a ela diretamente ligados, como grupos de jovens, encontros para noivos, festas com leilões e bingos, entre outros movimentos característicos da Igreja Católica daquela época.

Um evento financeiro significativo ocorreu no ano de 1999, marcando o início de uma profunda reforma interna na igreja.

Figura 18: Igreja do Porto em 1974



Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.

LIMA, Cristian Gomes. Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG). Editora FAMINAS, 2016.

Durante essa reforma, foi incentivado que os fiéis levassem partes das *ruínas do chão da igreja para suas casas, como uma forma de preservação da memória e de afirmação de fé*. Afinal, esses fragmentos eram considerados relíquias de um local sagrado. Como resultado, muitas pessoas assim fizeram, levando pedaços do templo para suas casas, intensificando ainda mais essa ligação com o sagrado para alguns.

Essa não seria uma reforma qualquer, mas a construção de uma nova identidade da sede paroquial através de uma grandiosa obra de arte sacra no seu interior. Já em dezembro, a reforma estava a todo vapor. O povo gostou muito do que via e os trabalhos fluíram. Aos poucos a igreja foi ganhando nova forma, principalmente no presbitério, que agora ganhava forma de pão. Também foi realizada uma imponente pintura atrás do altar tendo uma grande cruz com um fundo de céu em padrão estético bastante moderno e sofisticado. Emoldurando essa pintura foram colocados à sua direita e



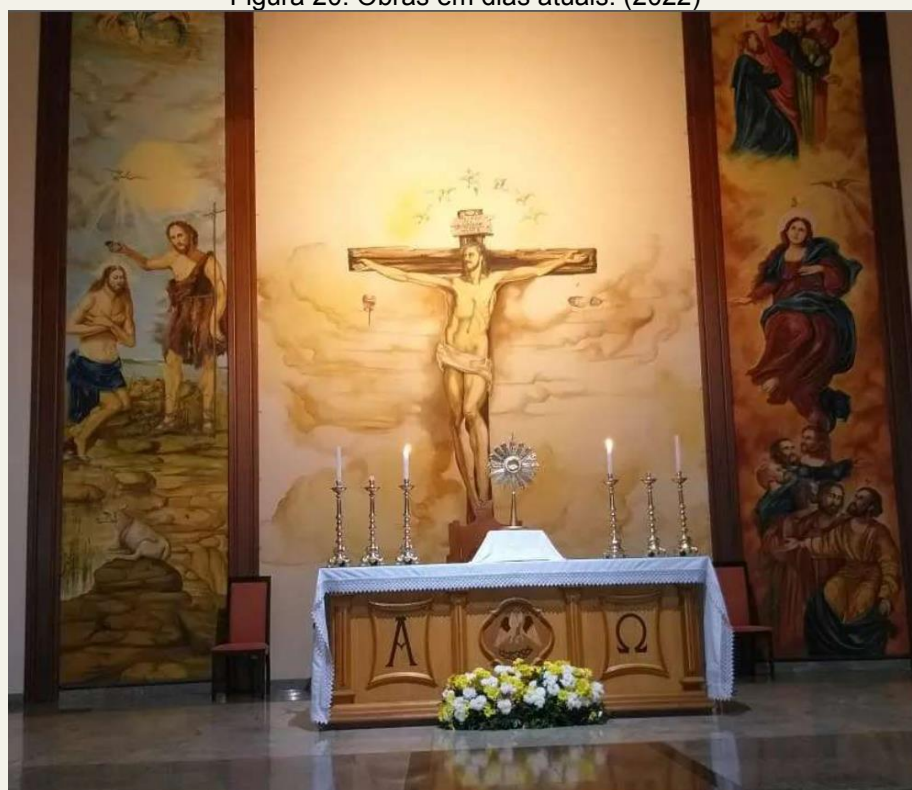
esquerda dois painéis de pintura sobre tela do piso até o teto da igreja, os quais **contêm obras que remontam a Nossa Senhora, Pentecostes, o Cordeiro de Deus, o Batismo e à Santíssima Trindade. Nas paredes laterais foi pintada uma via sacra com estilo inovador e arrojado.** O projeto artístico não veio a ser concluído, pois do projeto original, ainda restavam sem fazer: as pinturas nas paredes do meio e do fundo da igreja. (LIMA, Cristian Gomes. 2016, p.70)

Figura 19: Ilustrações atrás do altar que remontam a Nossa Senhora, Pentecostes, o Cordeiro de Deus, o Batismo e à Santíssima Trindade.



Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.

Figura 20: Obras em dias atuais. (2022)



Fonte: Acervo online disponibilizado pela paróquia. 2022

Figura 21: Vista do mezanino da Igreja Nossa Senhora Aparecida, com destaque para as obras no presbitério e paredes laterais.



Fonte: Acervo pessoal. 2015

Um conceito de comunidade no contexto nacional pode ser baseado nas ideias do antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (1997). Ele explora a dinâmica social e cultural, destacando a importância da comunidade como uma estrutura central na vida cotidiana dos brasileiros e argumenta que, no Brasil, a comunidade é um elemento fundamental para a organização social e a construção da identidade. Ele enfatiza que essa ideia vai além de um simples grupo de pessoas que vivem juntas em um local específico. Para ele, a comunidade é um espaço simbólico no qual os indivíduos se conectam por meio de relações sociais, valores compartilhados, obrigações e solidariedade, interações baseadas em relações de confiança, reciprocidade e apoio mútuo. A comunidade é vista como um espaço onde as pessoas se conhecem, se identificam e são reconhecidas pelos outros membros, criando um senso de pertencimento e também de identidade coletiva.

Além disso, DaMatta ressalta que a comunidade no Brasil está intimamente ligada ao conceito de "casa" - um espaço doméstico onde as relações familiares e

pessoais são fundamentais. Argumenta que a noção de casa se estende para além do espaço físico e envolve um conjunto de relações emocionais, afetivas e simbólicas.

Neste sentido, tomando essa ideia de “casa” sob o viés da comunidade religiosa, ela pode proporcionar um espaço onde os indivíduos se sentem seguros em expressar sua fé e encontrar suporte nos momentos de alegria, tristeza, desafios e celebrações. Dentro desta construção de uma comunidade, são constituídas essencialmente memórias coletivas, eventos que chamam a atenção e deixam marcas.

Existiram dois momentos das modificações na Igreja Nossa Senhora Aparecida que marcaram particularmente minha geração, sendo um deles a retirada dos jardins e canteiros, antes localizados à sua frente, para dar lugar a um estacionamento. Menciono que foram momentos marcantes expondo períodos que desagradaram e trouxeram sentimento de perda para a comunidade. Perda de um espaço que era apropriado e utilizado para sessões de fotos pós-batizados, casamentos e momentos importantes celebrados, era recorrente ao sair das missas e celebrações sentar pelo gramado e muretas. Com a implantação do estacionamento a igreja perde um dos seus elementos externos que mais trazia identidade para ela e também para o bairro. Entendia-se naquele momento pelo padre e demais responsáveis pela organização da paróquia a importância de um estacionamento, já que muitos fiéis vinham de outros bairros para frequentar a igreja.

Por volta de 2009, foi feita uma audaciosa obra de reforma da praça da igreja para a construção de um amplo estacionamento. O padre Silas Geraldo (padre responsável pela paróquia na época) conta que foi uma tristeza cortar as árvores, mas, diante da realidade do local estar sendo usado para o tráfico de drogas e a necessidade de um estacionamento já ser uma emergência para a igreja, não ousou fazer. (LIMA, 2016),



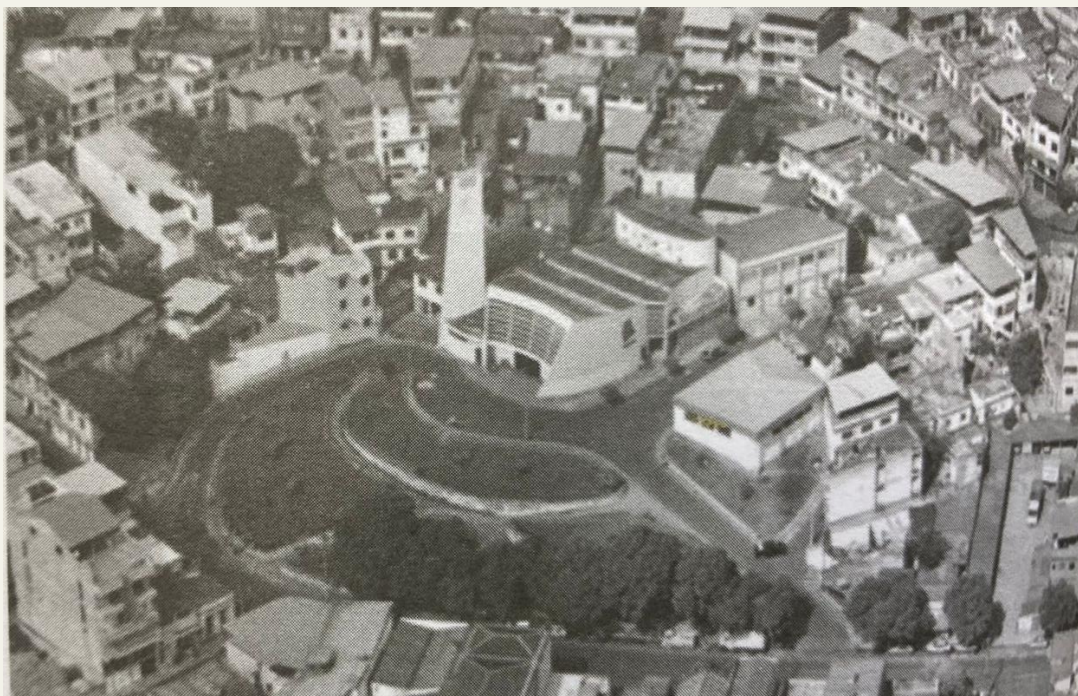
Figura 22: Igreja com canteiros ainda preservados. 1981



Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.

A seguir uma série com as fotos mostrando essas transformações ao longo dos anos: os canteiros estão presentes nas primeiras imagens (figuras 23 e 24).

Figura 23: Vista aérea com os canteiros da igreja ao centro. 2008



Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.

LIMA, Cristian Gomes. Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG). Editora FAMINAS, 2016



Figura 24: Construção do estacionamento (2009)



Fonte: Arquivo documental e fotográfico da paróquia.

LIMA, Cristian Gomes. Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG). Editora FAMINAS, 2016

Adiante, as figuras mostram a construção do estacionamento e, mais à frente (figuras 25, 26 e 27) imagens atuais da edificação e de seu entorno imediato onde são exibidas as mudanças externas.

Figura 25: Vista do estacionamento concluído. Com a retirada dos jardins a ambiência criada nos arredores da igreja é fortemente modificada.



Fonte: Acervo pessoal. 2022

Figura 26: Vista do estacionamento da igreja.



Fonte: GoogleEarth. 2022



Figura 27: Vista do estacionamento da igreja.



Fonte: GoogleEarth.2022

A Igreja Católica passou, e ainda passa, por diversas transformações ao longo dos anos, tanto em sua estrutura interna como em sua relação com o ambiente externo. Essas mudanças são mais comumente observadas em áreas urbanas específicas onde as igrejas católicas estão presentes (edificadas). Uma das consequências dessas transformações é que, cada vez que uma nova paróquia é estabelecida, a igreja divide o território em que atua. Quando se fala em divisão de território, significa que a área geográfica na qual a igreja atua é subdividida em regiões menores, cada uma com sua própria paróquia.

Isso é ilustrado pela figura 16, que descreve claramente as ruas que pertenciam à paróquia e aquelas que não pertenciam durante a época de sua criação. Esse evento ocorre porque, na medida em que a população cresce ou se desloca dentro de uma determinada região, a instituição da Igreja pode considerar necessário criar novas paróquias para atender às necessidades espirituais dos fiéis. Essa divisão territorial também pode refletir a diversidade e a complexidade de uma determinada região urbana. A criação de novas paróquias permite que a igreja se adapte às mudanças e ofereça um acompanhamento pastoral mais próximo e personalizado para cada região.

Muitas modificações são, por vezes, esperadas e apoiadas pela comunidade enquanto, em outras ocasiões, nem sempre são bem recebidas. Na maior parte dos casos, a Igreja detém total responsabilidade pela administração de seu terreno, sem necessariamente precisar consultar a opinião de seus fiéis.

Para mim, o segundo momento marcante de modificações pelas quais passou a Igreja Nossa Senhora Aparecida - o primeiro, lembrando, se refere a canteiros e jardins - é, na verdade, aquele que acabou se constituindo como o ponto de partida para este estudo, o disparador para muitas inquietações e reverberações.

Em 2021 ocorreu mais uma reforma interna focada, principalmente, nas melhorias do sistema elétrico da edificação, o que afetou diretamente as paredes. Essas melhorias e modificações afetariam essencialmente paredes da edificação (figuras 28 e 29)

Figura 28: Modificações para troca de fios elétricos e melhorias.



Fonte: Acervo pessoal. 2021



Figura 29: Modificações nas paredes para troca de fios elétricos e melhorias.



Fonte: Acervo pessoal. 2021

Durante as obras, não houve consideração quanto à preservação das pinturas parietais decorativas existentes nas laterais. Na medida em que os meses passavam, as pinturas laterais em tons de azul, que contavam a história do sofrimento e dor de Cristo<sup>20</sup> em seu caminho até o calvário, foram apagadas, não fazendo mais parte do cenário construído da paróquia que contava agora com paredes brancas e lisas em suas laterais internas (figuras 30, 31 e 32)

---

<sup>20</sup> Via Sacra: Série das 14 estações, constituídas de quadros ou esculturas que representam as principais cenas da Paixão de Cristo; caminho da cruz, *via crucis*, via dolorosa.

Figura 30: Paróquia em celebração. Destaque para as paredes laterais agora brancas. Restando somente as ilustrações atrás do altar (ao centro da imagem)



Fonte: Acervo pessoal. 2022.

Figura 31: Paróquia em celebração ao Domingo de Ramos. Destaque para as paredes laterais agora brancas.



Fonte: Acervo pessoal. 2022



Figura 32: Paróquia em celebração. Destaque para as paredes laterais agora brancas.



Fonte: Acervo pessoal. 2021

O que parecia ser uma reforma pontual e estratégica acabou retirando uma das principais características internas da edificação e deixando tudo uniformizado em paredes brancas.

O apagamento das pinturas na igreja retorna a um ponto que trato nas primeiras páginas das memórias do município. Quando abordada a persistência dos fiéis em continuarem rezando no local, mesmo com a não existência da materialidade, em decorrência do incêndio que afetou a capelinha em meados de 1920 (descrição na página 52), me chama atenção e me coloca a reflexão como estudante de arquitetura e urbanismo que a falta do físico (a capela edificada) não fez os fiéis abandonarem seus hábitos de reza no local, animados e com esperança, se reuniam e dispunham-se a fazer o mesmo que faziam antes. Mesmo que estivessem chateados com a perda do espaço edificado (físico), o espaço simbólico que fora criado dentro do físico era agora suficiente.

A fatalidade do incêndio causou a necessidade dos fiéis se adaptarem e seguirem **construindo** seus vínculos de fé até a nova **construção** (edificação) ter

início. Da mesma maneira, as pinturas de sofrimento e dor de Cristo em seu caminho até o calvário, quando presentes, **construíam** (estimulavam) a empatia e a reflexão guiada quando alguém as admirava. Sem as imagens de Cristo, para os fiéis e membros da igreja acostumados a frequentar e participar da comunidade, é necessário, ao olhar atualmente para as paredes brancas, imaginar, **construir** no imaginário ao recorrer às lembranças das expressões da vida e morte de Jesus Cristo.

Tratando da palavra "construção" abrangendo duas definições que se entrelaçam para formar um entendimento. Em primeiro a palavra refere-se a conjunto de técnicas e métodos empregados para erguer estruturas físicas, colocar sobre tijolos. Em segundo, como o conjunto de atividades necessárias para criar algo, rompendo em primeiro plano com o físico englobando a criação, o desenvolvimento, a implantação. Uma palavra, dois conceitos que conseguem tangenciar diretamente. Se edifica, materializa, mas também se mentaliza, soma e une com a construção.

Acreditamos que, a partir dessa definição, se distribuam às demais, até mesmo as que dizem respeito ao uso figurado do termo, como em "trabalho de organização e/ou criação de algo" (CONSTRUÇÃO, 2022). Contudo, é interessante notar que essa definição não faz nenhum tipo de restrição ou referência objetivamente ao plano onde se dá a 33 construção, o que entendemos poder se dar então tanto no plano físico, material, concreto, como no abstrato, no das relações, da espiritualidade, das imaterialidades. Sendo assim, partiremos desse conceito de construção e da consideração de que ela pode se dar tanto no plano material, como no não material - considerando, inclusive, que eles não são dissociáveis. (REIS, 2022)

Tentar compreender então o desenvolvimento de uma cidade, bairro e comunidade mas especialmente neste momento, comunidade religiosa, para procurar assimilar tantas inquietações disparam questões envolvendo os temas postos desde o primeiro capítulo deste estudo; teologia, filosofia, sociologia, catolicismo, espiritualidade e arquitetura.

Este capítulo revela a dinâmica de transformação que ocorre ao longo do tempo dentro de igrejas católicas que estão inseridas diretamente nos meios urbanos. Observo que as modificações, tanto internas quanto externas, são sim comuns e, muitas vezes, necessárias para atender às demandas da comunidade e garantir a funcionalidade. Essas reformas são parte do contínuo processo de adaptação e

renovação das igrejas, buscando garantir um ambiente adequado para a vivência da fé e o encontro com o sagrado. Porém até onde vão os desafios de manter, ao mesmo tempo, a identidade da instituição e sua conexão e respeito com a construção da história, da fé dos fiéis? Quanto a arquitetura do ambiente construído é importante para a prática religiosa? Quem percebe e valoriza a construção do patrimônio cotidiano presente em tantos lugares? Quem são hoje os fiéis (ou não fiéis) que experienciam todos os signos que o espaço arquitetônico de uma igreja católica oferece? Como se sentiam, os fiéis quando esses espaços ainda não eram edificadas? Como se sentem hoje? Chego, então, em algumas inquietações que desenham este estudo e serão melhor analisadas na próxima etapa do trabalho.



## **Considerações Finais**

O material até aqui reitera alguns dos objetivos postos no início deste trabalho. Contudo, compreendo que alguns tópicos precisam ser melhor desenvolvidos para a continuidade e alcance de questões tratadas. Sendo esta a primeira parte do trabalho em desenvolvimento (TCC I), algumas lacunas serão sanadas ao decorrer da segunda parte (TCC II). Por este motivo, em alguns momentos as indagações não estão respondidas. O final deste trabalho é na verdade o espaço para a continuidade do próximo passo. Pretende-se posteriormente buscar o aprofundamento em subtemas como as transformações artísticas e arquitetônicas em períodos cronológicos, as interpretações teológicas correspondentes, e principalmente uma abordagem mais profunda ao que tange as memórias coletivas e individuais dos membros pertencentes a paróquia Nossa Senhora Aparecida em relação ao apagamento das pinturas e outros momentos apontando também para a conscientização no aspecto da preservação patrimonial.

## Referências Bibliográficas

BRANDAO, Carlos Antonio Leite. **A formação do homem moderno vista através da arquitetura**. 1987.

Carvalho, Karla Cristina Gomes de, 1975 - **As possíveis relações arquitetônicas entre o barroco luso-brasileiro e o barroco hispânicoamericano no período do Brasil Colônia** – Nova Iguaçu, RJ. – 2021. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade. Rio de Janeiro, 2021.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, v. 5, 1997. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/rae/a/ypvyK9vbmLKqBNMxgTCrrKH/> >. Acesso em: 20 de junho de 2023.

FREITAS, Eduardo Pacheco. **O desenvolvimento da arquitetura gótica a partir da filosofia escolástica**. Nuntius Antiquus , v. 9, n. 2, 2013. Disponível em < <https://opontodentrodocirculo.wordpress.com/2020/10/20/o-desenvolvimento-da-arquitetura-gotica-a-partir-da-filosofia-escolastica-parte-ii/> >. Acesso em: 22 de junho de 2023.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3883019/mod\\_resource/content/1/LE%20GOFF%20jacques-o-apogeu-da-cidade-medieval.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3883019/mod_resource/content/1/LE%20GOFF%20jacques-o-apogeu-da-cidade-medieval.pdf) >. Acesso em: 22 de junho de 2023

FUNDARTE MURIAÉ. **Patrimônio Histórico do Município**. Disponível em: < <https://www.fundartemuriae.com.br/patrimonio-historico-do-municipio/> >. Acesso em: 22 de setembro de 2022.

GUIA MURIAÉ. **Distritos, comunidades e bairros de Muriaé**. Disponível em: < <https://www.guamuriae.com.br/noticias/distritos-comunidades-e-bairros-de-muriae/> >. Acesso em: 5 de outubro de 2022.

IBGE. **Histórico de Muriaé - MG.** Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/muriae/historico> >. Acesso em: 22 de setembro de 2022.

LIMA, Cristian Gomes. **Construção do tempo: a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Muriaé (MG).** / Cristian Gomes Lima. -1 .ed. - Muriaé: Editora FAMINAS, 2016. 268P.

MURIAÉ. **Nossa história.** Disponível em: <<https://muriae.mg.gov.br/nossa-historia/>>. Acesso em: 22 de setembro de 2022 .

PAI ETERNO. **Você sabe a diferença entre Presbitério e Altar?** 2017. Disponível em: < <https://www.paieterno.com.br/2017/01/19/voce-sabe-a-diferenca-entre-presbiterio-e-altar/> >. Acesso em: 10 de abril de 2023

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em < <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278> >. Acesso em: 5 de junho de 2023.

SANDY, Danielly Dias. **A influência das crenças na produção da arte.** Uninter Notícias. Disponível em < <https://www.uninter.com/noticias/a-influencia-das-crencas-na-producao-da-arte> >. Acesso em: 4 julho 2023.

SUMMERSON, John. **A linguagem clássica da arquitetura.** Sylvia Ficher, tradução. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Coleção a)

Talim, João Carlos Marques. **O espaço sagrado do catolicismo: uma análise da arte e da arquitetura da Igreja São Francisco das Chagas, em Belo Horizonte, e sua relação com o acolhimento dos fiéis.** Belo Horizonte, MG - 2012. 139f Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Belo Horizonte, 2012.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: **A perspectiva da experiência.** SciELO-EDUEL, 2013.